

Fé e razão e filosofia e teologia em Tomás de Aquino

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

1. A diferença entre razão e filosofia e fé e teologia

Como neste artigo falaremos dos binômios fé e razão, filosofia e teologia, cuida que distingamos, respectivamente, razão e filosofia e fé e teologia. A razão (*ratio*), faculdade discursiva do ser e dos “porquês”, é o modo pelo qual a perfeição absoluta da inteligência (*intelligentia*) realiza-se no homem. Ela caracteriza-se por sua força abstrativa (*abstractio, abstrahere*), a qual denominamos intelecto (*intellectus; intus-legere= ler dentro*), capaz de alcançar o ser inteligível das coisas sensíveis e os primeiros princípios, e que se especifica pela sua capacidade de avançar no conhecimento da verdade, mediante um encadeamento lógico, que parte de princípios auto-evidentes e que denominamos raciocínio.¹ Ora bem, a filosofia é o conhecimento pelas causas primeiras e mais universais, através da luz da razão (*lumen rationis*).² Agora bem, a fé é para a teologia o que os princípios naturais são para a razão.³ Contudo, diferentemente da luz da razão (*lumen rationis*), que é auto-evidente, a luz da fé (*lumen fidei*) é uma luz infusa (*lumen infusum*). Ora, a teologia é uma reflexão que parte da luz da fé (*lumen fidei*) como de seus princípios primeiros. A teologia não é, pois, a pura fé, mas fruto da razão iluminada pela fé (*ratio fidei illustrata*).⁴

¹ NICOLAS, Marie-Joseph. **Vocabulário da Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. I. Verbete: “Razão, Raciocínio (*Ratio*)”: “No primeiro sentido, a razão pode confundir-se com a inteligência. Mas nela pode distinguir-se: a função discursiva distingue-se da função intuitiva do espírito. A razão é a inteligência tal qual se apresenta no homem, não somente abstrativa, mas ainda avançando de uma verdade a outra por um encadeamento denominado raciocínio.”

² GARDEIL, H. D. **Introdução à Filosofia de Santo Tomás de Aquino**. Disponível em: <<http://www.microbookstudio.com/gardeilfilosofiatomasaquino.htm>>. Acesso em: 3/07/2005: “A filosofia é o conhecimento, pelas causas primeiras e mais universais, obtido à luz da razão natural.”

³ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. II-II, 1, 7, C: “Os artigos de fé têm na doutrina da fé o mesmo papel que os princípios evidentes na doutrina que se constrói a partir da razão natural.”

O teólogo, no exercício da sua reflexão sobre os dados nos quais crê, passa a aderir a eles não somente em virtude da Revelação divina, mas também por causa do nexu inteligível, que ele percebe através da meditação teológica sobre as verdades de fé entre si mesmas e as verdades de fé em relação às demais verdades naturais.⁵ A fé, portanto, é um *habitus* infuso; a teologia é um *habitus* adquirido pelo estudo.⁶ A teologia, enquanto sabedoria que se adquire pela pesquisa sobre o dado da fé, distingue-se daquela sabedoria mística, dom do Espírito Santo.⁷

2. A distinção entre filosofia e teologia

À filosofia importa observar as coisas enquanto tais⁸. Por exemplo, o fogo enquanto fogo. A doutrina da fé, ao contrário, não considera as coisas enquanto tais, mas sim enquanto representam, à sua maneira, a transcendência divina e ordenam-se para Deus.⁹ A filosofia procura desvendar a natureza própria das coisas, tal como o fogo enquanto sobe.¹⁰ Já à ciência da fé cumpre apreciar a natureza das coisas enquanto foram criadas por Deus e estão sujeitas a Ele.¹¹

Distinguidas deste modo, pode acontecer que as duas ciências estudem um mesmo objeto. Entretanto, os princípios pelos quais elas o consideram são diversos.¹² À filosofia, que

⁴ GEFFRÉ, Claude. **A Teologia como Ciência**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 132: “Assim, a luz que confere especificidade ao *habitus* da teologia não é a pura luz da fé, é a razão iluminada pela fé (*ratio fidei illustrata*).”

⁵ *Idem. Op. Cit.*: “No entanto, quem diz teologia diz intervenção da razão, em virtude da qual o sujeito crente adere a tal verdade não apenas devido à Revelação divina, mas em virtude do vínculo inteligível descoberto entre tal verdade de fé e tal outra verdade de fé, ou entre tal verdade de fé e tal verdade natural.”

⁶ *Idem. Op. Cit.*: “(...) Sto. Tomás distingue claramente o *habitus* da fé, que é infuso, do *habitus* da teologia, que é adquirido.”

⁷ *Idem. Op. Cit.*: “Do mesmo modo, ele não confunde a sabedoria mística, que é um dom do Espírito Santo, com a sabedoria teológica, que é um saber adquirido.”

⁸ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis Alberto De Boni. Porto Alegre: Sulina, 1990. II, IV, 1 (871): “Com efeito, a filosofia humana as considera (as criaturas) enquanto tais.” (O parêntese é nosso).

⁹ *Idem. Ibidem*: “Mas a fé cristã não as considera enquanto tais (pois não considera, por exemplo, o fogo enquanto fogo), mas enquanto elas representam a transcendência, e enquanto de algum modo se ordenam para Deus (...).” (O parêntese é nosso).

¹⁰ *Idem. Ibidem*. II, IV, 2 (872): “O filósofo, com efeito, considera aquilo que a elas (as criaturas) convém conforme a natureza própria, por exemplo, o fogo, enquanto sobe.” (O parêntese é nosso).

¹¹ *Idem. Ibidem*: “O fiel, porém, considera nas criaturas somente aquilo que a elas convém enquanto estão relacionadas com Deus, como o serem criadas por Deus, serem sujeitas a Deus, etc.”

¹² *Idem. Ibidem*. II, IV, 3(873): “No entanto, algo das criaturas é considerado em comum pelo filósofo e pelo fiel, mas segundo princípios diversos.”

se além aos primeiros princípios da razão, cuida elaborar argumentos que procedam da causa própria das coisas.¹³ A teologia, ao contrário, parte sempre da fé, cujo objeto formal é a causa primeira enquanto revelada, isto é, Deus enquanto Deus. Destarte, à teologia importa mostrar que tal coisa é assim: ou porque Deus assim revelou ou porque assim é para a maior glória dEle.¹⁴ Por conseguinte, filosofia e teologia não se distinguem por terem objetos materiais diferentes, pois ambas estudam Deus, o homem e o mundo. A diferença entre as duas ordens consiste na forma pela qual elas estudam estes objetos. A filosofia, de um modo menos perfeito, trata de Deus, do homem e do mundo a partir da razão, enquanto que a teologia, de uma forma mais perfeita, investiga-os à luz da Revelação, isto é, enquanto estejam relacionados com a salvação eterna do homem.¹⁵

Por sabedoria, os antigos entendiam aquele saber que procede do conhecimento das causas primeiras e mais universais, máxime da causa altíssima por excelência: Deus. Donde, “(..) quem considera simplesmente a causa suprema de todo o universo, que é Deus, merece por excelência o nome de sábio”¹⁶. Agora bem, a rigor só pode haver uma sabedoria, a de Deus. Contudo, quanto ao conhecimento humano, que se comporta diversamente em relação às coisas divinas, há duas ordens de verdades: natural e sobrenatural.¹⁷ Portanto, em relação ao conhecimento homem, pode-se dizer que há duas sabedorias: filosófica e teológica. De fato, a filosofia também merece o nome de sabedoria, porquanto, a falar com exatidão, também ela alcança a causa primeira: Deus. Porém, à teologia revelada, por ser esta uma certa participação na própria ciência divina, urge reportar o título de sabedoria suprema, pois ela atinge Deus não especificamente enquanto causa primeira de todos os entes, mas sob a razão de Deidade (*sub rationis Deitatis*), isto é, na sua intimidade.¹⁸

¹³ *Idem. Ibidem*: “O filósofo deduz os seus argumentos partindo das próprias causas das coisas (...)”.

¹⁴ *Idem. Ibidem*: “(...) o fiel, porém, (parte) da causa primeira, mostrando que assim é porque foi revelado por Deus ou porque redundando na glória de Deus ou porque a glória de Deus é infinita.” (O parêntese é nosso).

¹⁵ REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 6ª ed. Rev. H. Dalbosco e L. Costa. São Paulo: Paulus, 1990. p. 554. “A diferença entre a filosofia e a teologia não está no fato de que uma trata de certas coisas e a outra de outras coisas, porque ambas falam de Deus, do homem e do mundo. A diferença está no fato de que a primeira oferece um conhecimento imperfeito daquelas mesmas coisas que a teologia está em condições de esclarecer em seus aspectos e conotações específicos relativos à salvação eterna.” Tomás é claro quanto a este ponto: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 1, 1, ad 2: “Nada impede que os mesmos objetos de que as disciplinas filosóficas tratam, enquanto são conhecidos à luz da razão natural, sejam tratados por outra ciência, como conhecidos à luz da revelação divina.”

¹⁶ *Idem. Ibidem*. I, 1, 6, C.

¹⁷ *Idem. Suma Contra os Gentios*. I, IX, 1 (51): “Quando, porém, refiro-me à dupla verdade das coisas divinas, não considero isso como sendo da parte de Deus mesmo, cuja verdade é uma e simples; considero da parte do nosso conhecimento, que se comporta diversamente do conhecimento das coisas divinas.”

¹⁸ *Idem. Suma Teológica*. I, 1, 6, C: “Ora, a doutrina sagrada trata muito propriamente de Deus enquanto causa suprema; a saber, não somente do que se pode saber por intermédio das criaturas, e que os filósofos alcançaram (...); mas também do que só Deus conhece de si mesmo, e que é comunicado aos outros por revelação. Assim a doutrina sagrada merece por excelência o nome de sabedoria.”

3. *A superioridade da teologia revelada*

A filosofia considera primeiro as criaturas e, depois, a Deus, partindo das criaturas. A doutrina da fé, ao contrário, considera primeiro Deus, depois as criaturas, partindo de Deus.¹⁹ Por isso, a sagrada doutrina é mais perfeita. De fato, ela é a que mais se aproxima da própria ciência de Deus que, conhecendo a si mesmo, conhece todas as coisas.²⁰ Sem embargo, a doutrina sagrada é mais perfeita, porquanto considera a Deus a partir do que o próprio Deus revelou de Si mesmo. Agora bem, a filosofia, por ser a rainha das ciências naturais, usa das demais ciências para demonstrar as suas próprias teses. Logo, a doutrina da fé, enquanto é superior à própria filosofia, pode também valer-se dela para confirmar as suas próprias teses.²¹

4. *Há duas ordens de verdades concernentes a Deus e duas teologias condizentes a elas*

Na perspectiva tomásica, há três ordens de conhecimento a respeito das coisas divinas. Por razões didáticas, faremos menção apenas a duas. A primeira ordem corresponde àquela segundo a qual o homem, mediante a consideração das criaturas e somente pela luz natural da razão (*lumine naturali rationis*), eleva-se até Deus. De outra ordem é aquele conhecimento pelo qual a verdade divina, que excede o nosso intelecto, desce até nós através da revelação divina. Com efeito, a verdade conducente a esta ordem não pode ser demonstrada pela razão, mas apenas proposta para ser crida.²²

¹⁹ *Idem. Suma Contra os Gentios*. II, IV, 4 (876 a): “Com efeito, no ensino da filosofia, que considera as criaturas em si mesmas, e partindo delas vai ao conhecimento de Deus, consideram-se primeiramente as criaturas e, após, Deus. Mas na doutrina da fé, que não considera as criaturas senão enquanto ordenadas para Deus, primeiramente considera-se Deus e, após, as criaturas.”

²⁰ *Idem. Ibidem*. II, IV, 4 (876 b): “E assim ela (a doutrina da fé) é mais perfeita, justamente por ser semelhante ao conhecimento de Deus que, ao se conhecer, vê as outras coisas em si mesmo.” (O parêntese é nosso).

²¹ *Idem. Suma Contra os Gentios*. II, IV, 4 (875): “E, por essa razão, sendo sabedoria principal (entenda-se a teologia), serve-se da filosofia humana. E ainda por esse motivo a sabedoria divina parte algumas vezes dos princípios da sabedoria humana. Aliás, também entre os filósofos, a filosofia primeira usa de todas as ciências para demonstrar as suas teses.” *Idem. Suma Teológica*. I, 1, 8, ad 2: “Deve-se dizer que a ciência sagrada pode tomar emprestada alguma coisa às ciências filosóficas. Não que lhe seja necessário, mas em vista de melhor manifestar o que ele própria ensina. (...) Por conseguinte, ela não toma emprestado das outras ciências como se lhes fossem superiores, mas delas se vale como de inferiores e servas (...)”.

A primeira ordem de verdades é ascendente, pois é o homem que, pela razão natural, sobe das criaturas a Deus; a outra ordem é descendente, pois se trata de Deus que, pela revelação, desce até o homem. Inobstante a diferença no modo de se fazerem os percursos, o termo é o mesmo: Deus.²³ Desta feita, temos realmente duas ordens de verdades com respeito às coisas divinas: aquelas que excedem totalmente a capacidade da nossa razão e aquelas que a razão pode atingir por sua própria capacidade, como é o caso da existência de Deus e da sua unicidade. Estas últimas, os próprios filósofos nos testemunham que podem ser demonstradas.²⁴ Desta sorte, há também duas teologias, ou seja, dois discursos sobre Deus possíveis ao homem: a teologia revelada, que parte da revelação e se fundamenta na fé e a teologia natural, que parte das criaturas e chega a Deus através de uma elaboração da razão.²⁵

5. As vantagens da ordem consentânea à teologia revelada

Ora bem, a teologia natural parte das criaturas para chegar a conhecer o Criador. Ora, isso equivale a dizer que ela parte do que é *anterior para nós*, para aquilo que é *anterior de modo absoluto*. Neste sentido, a teologia revelada obedece melhor à *ordem do real*, pois, partindo de Deus, ela parte do que é anterior de modo absoluto para o que é realmente posterior: as criaturas. De fato, se partimos das criaturas é pelo fato de o nosso intelecto ser finito. Com efeito, se obedecêssemos à ordem das coisas tal como é, partiríamos de Deus, princípio e fim de todas as coisas, para só então chegarmos às criaturas, que são os seus

²² *Idem. Ibidem.* IV, I, 5 (3343): “Há, pois, três conhecimentos do homem referentes às coisas divinas: o primeiro, enquanto o homem mediante a luz natural da razão e pelas criaturas sobe até o conhecimento de Deus; o segundo, enquanto a verdade divina que excede o intelecto humano, desce até nós pela revelação, não para ser vista como por demonstração, mas para ser crida como pronunciada por palavras (...).”

²³ *Idem. Ibidem.* I V, I, 9 (3349): “Como a razão natural eleva-se ao conhecimento de Deus mediante as criaturas, mas como o conhecimento que temos de Deus pela fé, de modo contrário, desce mediante a revelação divina, resulta que a via de subida e de descida é a mesma.”

²⁴ *Idem. Ibidem.* I, III, 2 (13): “Há, com efeito, duas ordens de verdades que afirmamos de Deus. Algumas são verdades referentes a Deus que excedem toda a capacidade da razão humana, como, por exemplo, Deus ser trino e uno. Outras são aquelas as quais a razão pode admitir, como, por exemplo, Deus ser, Deus ser uno, e outras semelhantes. Estas os filósofos, conduzidos pela luz da razão natural provaram, por via demonstrativa, poderem ser realmente atribuídas a Deus.”

²⁵ GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 657: “Há, pois, duas teologias especificamente distintas que, se, a rigor, não se continuam para nossos espíritos finitos, podem, pelo menos acordar-se e completar-se: a teologia revelada, que parte do dogma, e a teologia natural que a razão elabora.”

efeitos. Por conseguinte, quando a filosofia obedece à ordem teológica, ela segue aquela ordem que ela seguiria naturalmente, se não fosse à finitude do nosso espírito.²⁶

5. A harmonia entre filosofia e teologia

Embora distintas, filosofia e teologia não entram em desacordo. A ciência do aluno preexiste no mestre que o ensina.²⁷ Assim, os princípios naturalmente evidentes foram infundidos em nós por Deus, que é o autor da natureza.²⁸ Por conseguinte, tais princípios preexistem na sabedoria divina.²⁹ Logo, tudo o que contrariar estes princípios, contrariará, *ipso facto*, a sabedoria divina e não pode estar em Deus.³⁰ Por esta razão, as verdades da fé, que, por meio da revelação, recebemos da sabedoria divina, não podem estar em desacordo com os princípios do nosso conhecimento natural, pois ambos provêm da sabedoria divina.³¹

Ademais, o nosso intelecto não pode alcançar a verdade se estiver ante razões contrárias.³² Ora, se Deus nos tivesse revelado algo que contradissesse a nossa razão, ficaríamos impedidos de conhecer a verdade.³³ Contudo, Deus não poderia fazer tal coisa³⁴. Sem embargo, sendo Ele a própria verdade, nEle não pode haver falsidade alguma.³⁵ Ora bem, se Deus revelasse alguma coisa contrária ao que já infundira em nós naturalmente, Ele

²⁶ *Idem. Ibidem.* p.658: “(...) Acrescentemos que, mesmo do ponto de vista estritamente filosófico, essa solução apresenta vantagens. Supondo-se o problema total resolvido, fazendo-se como se o que é mais conhecido por si também o era no caso de nossos espíritos finitos, damos da filosofia uma exposição sintética cujo acordo profundo com a realidade não poderia ser posto em dúvida. Por isso mesmo, é o universo tal qual é, com Deus como princípio e como fim, que a teologia natural assim compreendida nos convida a contemplar. Vamos esboçar, pois, graças a essa inversão do problema, o sistema do mundo que teríamos, com todo rigor, o direito de estabelecer se os princípios de nosso conhecimento fossem, ao mesmo tempo, os princípios das coisas.”

²⁷ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra os Gentios*. I, VII, 3 (44): “Além disso, na ciência do mestre está contido o que ele infunde na alma do discípulo (...)”.

²⁸ *Idem. Ibidem*: “Ora, o conhecimento dos princípios naturalmente evidentes é infundido em nós por Deus, pois Deus é o autor da natureza.”

²⁹ *Idem. Ibidem*: “Por conseguinte, esses princípios (os naturalmente evidentes) também estão contidos na sabedoria divina.” (O parêntese é nosso).

³⁰ *Idem. Ibidem*: “Assim também, tudo o que é contrário a eles (aos princípios naturalmente evidentes) contraria a sabedoria divina e não pode estar em Deus.” (O parêntese é nosso).

³¹ *Idem. Ibidem*: “Logo, as verdades recebidas pela revelação divina não podem ser contrárias ao conhecimento natural”

³² *Idem. Ibidem.* I, VII, 4 (45): “Além disso, o nosso intelecto fica impedido de conhecer quando está diante de razões contrárias e, então, não pode proceder para alcançar a verdade.”

³³ *Idem. Ibidem*: “Ora, se razões contrárias fossem em nós infundidas por Deus, o nosso intelecto ficaria impedido de conhecer a verdade.”

³⁴ *Idem. Ibidem*: “Tal, porém, não pode se dar em Deus.”

³⁵ *Idem. Ibidem.* I, LXI, 2 (507): “Ora, Deus não é somente verdadeiro, mas é a própria verdade. Logo, em Deus não pode haver falsidade.”

seria falso, pois o falso é o contrário do verdadeiro. Portanto, como em Deus não pode haver falsidade, é impossível que ocorra contradição entre fé e razão.³⁶ Além disso, opiniões contrárias sobre uma mesma coisa não podem subsistir num mesmo sujeito.³⁷ Destarte, na sabedoria divina não poderiam subsistir opiniões contrárias, porque Deus é o autor tanto da natureza como da revelação. Daí que de forma nenhuma Deus possa propor-nos pela fé algo que seja contrário à natureza.³⁸ Doravante, aquelas conclusões que supostamente procedam dos princípios naturais, mas que contrariam a fé, deveras não procedem deles, mas de algum erro de raciocínio.³⁹

Agora bem, e quanto ao fato de os mais eminentes filósofos terem cometido erros? De acordo com Tomás, o erro jamais está na filosofia enquanto tal, mas sim no mau uso da razão.⁴⁰ Nem a revelação, que tem a Deus por testemunha, e nem a razão, quando dela fazemos um uso correto, poderão enganar-nos, pois a verdade deve inexoravelmente concordar com a verdade.⁴¹ Se o nosso intelecto não fosse limitado, veríamos com toda a certeza, a existência de um laço ininterrupto de concordância entre fé e razão.⁴² Portanto, quando filosofia e teologia entram em conflito, podemos constatar duas coisas com certeza. Primeiro, um indício inequívoco de erro, visto não poder haver verdadeira oposição entre fé e razão. Segundo, o critério para corrigir este erro é reconhecer que ele procede de uma conclusão filosófica equivocada, posto que na revelação, dada a sua origem divina, não pode haver erro.⁴³ Não que a revelação nestes casos deva intervir para substituir a razão. A fé

³⁶ *Idem. Ibidem.* I, VII, 2 (43): “Ora, só o falso é contrário ao verdadeiro, o que se manifesta claramente ao se verificar as definições de ambos, é impossível que a supracitada verdade da fé seja contrária aos princípios conhecidos naturalmente pela razão.”

³⁷ *Idem. Ibidem.* I, VII, 5 (46): “Ora, opiniões contrárias sobre uma só coisa não podem subsistir no mesmo sujeito.”

³⁸ *Idem. Ibidem.*: “Logo, Deus não infunde no homem conceitos e verdades de fé contrários ao conhecimento natural.”

³⁹ *Idem. Ibidem.* I, VII, 7 (47): “De todos esses raciocínios conclui-se que quaisquer razões que possam ser apresentadas contra as verdades ensinadas pela fé não procedem corretamente dos primeiros princípios conhecidos por si mesmos e vindos da própria natureza.”

⁴⁰ *Idem. Boethii de Trinitate.* 1, a. 7. In: MONDIN, Batistta. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente.** v.1. Trad: Bênoni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1981. p. 172: “(...) Se se encontra, portanto, alguma coisa contrária à fé nas afirmações dos filósofos, não se deve atribuir isso à filosofia, mas a um mau uso da filosofia devido alguma falha da razão.”

⁴¹ GILSON. **A Filosofia na Idade Média.** p. 656: “Nem a razão, quando dela fazemos um uso correto, nem a revelação, pois ela tem Deus por origem, seriam capazes de nos enganar. Ora, o acordo da verdade com a verdade é necessário.”

⁴² *Idem. Ibidem.*: “É certo, pois, que a verdade da filosofia se uniria à verdade da revelação por uma cadeia ininterrupta de relações verdadeiras e inteligíveis, se nosso espírito pudesse compreender plenamente os dados da fé.”

⁴³ *Idem. Ibidem.*: “Daí resulta que, todas as vezes que uma conclusão filosófica contradiz o dogma, é um indício certo de que essa conclusão é falsa. (...) Já que o desacordo em questão é um indício de erro e que o erro não

apenas aponta o erro. É, pois, a razão que, direcionada pela fé, deverá criticar-se a si mesma e corrigir-se.⁴⁴

7. *As duas ordens de verdades referentes às coisas divinas*

Acerca das coisas divinas, conforme já aludimos, existem duas ordens de verdade. Há aquelas que, de per si, podem ser admitidas pela razão e aquelas que ultrapassam toda a capacidade da nossa razão. Agora bem, ambas as verdades foram convenientemente reveladas por Deus aos homens para serem cridas.⁴⁵ Ora, se Deus não revelasse mesmo aquilo que a razão pode alcançar, surgiriam pelo menos três inconvenientes. O primeiro é que estas verdades exigem tamanha dedicação dos homens aos estudos, que pouquíssimos as alcançariam de fato.⁴⁶ Alguns não alcançariam de forma nenhuma tais verdades, que são o ápice do conhecimento humano, visto que a sua própria constituição não os dispõe para a aquisição de tal conhecimento.⁴⁷ Outros, conquanto tendo a capacidade de alcançá-las, não as alcançariam por causa das preocupações com a família e com os bens temporais.⁴⁸ Outros ainda não chegariam a elas por conta da preguiça.⁴⁹

pode se encontrar na revelação divina, ele tem de se achar na filosofia.” Frei Tomás, não deixa dúvida, quanto a este aspecto. Tudo o que, porventura, nas demais ciências, contradisser a ciência sagrada, deverá ser condenado como falso: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 1, 6, ad 2: “(...) Por conseguinte, não pertence à doutrina sagrada estabelecer os princípios das outras ciências, mas apenas julgá-los. Tudo o que nessas ciências se encontrar como contrário à verdade da ciência sagrada deve ser condenado como falso (...)”.

⁴⁴ GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. pp. 655 e 657: “A Em semelhante caso, a revelação só intervém para assinalar o erro, mas não é em seu nome, e sim unicamente da razão que o estabelecemos. (...) Cabe à razão devidamente advertida criticar em seguida a si mesma e encontrar o ponto em que se produziu seu erro.” A posição de Tomás é contrária a de Abelardo. Este, no século XII, defendia que era a razão quem deveria criticar a fé. Segundo Batista Mondin foi tal opção que determinou o futuro rompimento entre saber humano e religioso: MONDIN, Batista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente v. 1**. Trad: Bênoni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1981. p. 171: “Com Abelardo, as relações entre a razão e a fé começam a ser interpretadas de modo diferente: a razão separa-se da fé e assume uma posição crítica em relação a ela. Com esta posição Abelardo prepara o futuro conflito entre saber humano e saber religioso.”

⁴⁵ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. I, IV, 1 (21): “Como se viu, há duas ordens de verdade referentes às realidades divinas inteligíveis, uma, a das verdades possíveis de serem investigadas pela razão humana; outra a daquelas que estão acima de toda capacidade da razão. Ambas, no entanto, são convenientemente propostas por Deus aos homens para serem acreditadas.”

⁴⁶ *Idem*. *Ibidem*. I, IV, 3 (23): “Um primeiro, porque, se assim acontecesse, poucos homens chegariam ao conhecimento de Deus. Muitos estariam impedidos de descobrir a verdade, que é fruto de assídua investigação.”

⁴⁷ *Idem*. *Ibidem*: “Alguns, devido à própria constituição natural defeituosa que os dispõe para o conhecimento: estes tais por nenhum esforço poderiam alcançar o grau supremo do conhecimento humano, que consiste no conhecimento de Deus.”

O segundo inconveniente, reside no fato de que é exigido daqueles que buscam estas verdades, não somente que se dediquem à investigação assídua delas, mas ainda que a façam por um longo tempo.⁵⁰ Isto porque o conhecimento de tais verdades exige outros tantos conhecimentos prévios, os quais a alma não está preparada para acolhê-los senão na maturidade, devido às paixões que a assaltam na juventude.⁵¹ Um terceiro inconveniente é a própria debilidade do nosso intelecto, o qual parece estar sempre sujeito aos erros sugeridos pela fantasia, sobretudo quando começa a investigar tais verdades.⁵² Muitos, por não perceberem as verdades já claramente demonstradas, colocam-nas ainda sob suspeita.⁵³ Outros, por defenderem teses opostas, suscitam dúvidas naqueles que já apreenderam a demonstração.⁵⁴ Sem falar que muitas vezes, durante a própria demonstração de uma verdade, a falsidade pode intervir como um elemento que nos torna vítimas de erros de perspectiva; isto se dá quando tomamos por demonstrada uma verdade que é somente provável.⁵⁵

Agora bem, para evitar que o gênero humano permanecesse nas trevas por falta daquele conhecimento que nos pode levar à máxima perfeição, Deus revelou-nos até mesmo aquelas verdades que são passíveis de demonstração. Outrossim, a clemência divina, querendo afastar de nós toda dúvida, dificuldade ou mescla de erro, revelou-nos o que de per si poderíamos alcançar.⁵⁶ Ademais, trata-se de verdades de cujo conhecimento depende a nossa salvação. Ora, como somente poucos homens, depois de muito tempo e não sem erros e percalços chegariam a admiti-las, Deus revelou-as para que chegassem ao conhecimento de

⁴⁸ *Idem. Ibidem*: “Outros, devido aos cuidados necessários para o sustento da família. Convém, sem dúvida, que dentre os homens alguns se entreguem ao cuidado das coisas temporais.”

⁴⁹ *Idem. Ibidem*: “Outros, por fim, são impedidos pela preguiça.”

⁵⁰ *Idem. Ibidem*. I, IV, 4 (24): “O segundo inconveniente decorre de que aqueles que chegam a descobrir as verdades divinas não o conseguem senão após diuturna investigação.”

⁵¹ *Idem. Ibidem*: “Tal acontece também porque muitos conhecimentos prévios são exigidos, como dissemos acima. Finalmente, porque no período da juventude, quando a alma é agitada por impulsos de tantas paixões, o homem não está maduro para tão elevado conhecimento da verdade.”

⁵² *Idem. Ibidem*. I, IV, 5 (25): “O terceiro inconveniente consiste em que a falsidade fortemente se introduz na investigação da verdade feita pela razão, devido à debilidade do nosso intelecto para julgar, e à intromissão das ilusões da fantasia.”

⁵³ *Idem. Ibidem*: “Muitos, com efeito, por não perceberem a força da demonstração, põem em dúvida as verdades demonstradas com firme certeza.”

⁵⁴ *Idem. Ibidem*: “Aliás, isso acontece (colocar sob dúvida uma firme demonstração) principalmente quando aparecem muitos, que se dizem sábios, ensinando teses opostas.” (O parêntese é nosso).

⁵⁵ *Idem. Ibidem*: “Ademais, entre as verdades que vão sendo demonstradas, algumas vezes se imiscui algo de falso que não pode ser demonstrado, mas que é afirmado com argumentação provável ou sofisticada, tida porém por clara demonstração.”

⁵⁶ *Idem. Ibidem*. I, IV, 6 (26): “Por todos estes motivos foi conveniente que pela via da fé se apresentassem aos homens a firme certeza e a pura verdade das coisas divinas. Foi, pois, vantajoso que a clemência divina determinasse serem tidas como de fé também as verdades que a razão pode por si mesma investigar.”

todos com maior facilidade e sem mistura de erros. Portanto, a necessidade última de Deus revelar mesmo aquilo que nos é acessível é salvífica.⁵⁷

8. A demarcação definitiva da fronteira entre fé e razão

Mas o que pertence à fé e o que concerne à razão? Toda verdade, responde Tomás, que é passível de demonstração, deixa de pertencer ao domínio da fé, à qual pertencem formalmente somente aquelas verdades que não são demonstráveis pela razão.⁵⁸ Todavia, nada impede que, aquele que não consegue apreender a demonstração de uma verdade de per si demonstrável, assinta a ela por fé.⁵⁹ Segundo adenda Gilson, quando existe a possibilidade de se demonstrar uma dada verdade, é melhor compreender do que crer.⁶⁰

9. A cooperação entre filosofia e teologia e seus limites

Se falarmos da primeira ordem de verdades das coisas divinas, a filosofia apresenta-se como útil para convencer os infieis da veracidade da fé, posto que tais verdades podem ser demonstradas.⁶¹ Entretanto, quando entramos na segunda ordem de verdades, o adversário

⁵⁷ *Idem. Suma Teológica*. I, 1, 1, C: “Com efeito, a verdade sobre Deus pesquisada pela razão humana chegaria apenas a um pequeno número, depois de muito tempo e cheia de erros. No entanto, do conhecimento desta verdade depende a salvação do homem, que se encontra em Deus. Assim, para que a salvação chegasse aos homens, com mais facilidade e maior garantia, era necessário fossem eles instruídos a respeito de Deus por uma revelação divina.”

⁵⁸ BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 451: “S. Tomás aduz uma razão mais terminante para distinguir entre duas ordens de conhecimento: uma verdade clara e certamente conhecida deixa, ipso facto, de pertencer ao domínio da fé (...). Como lembra Agostinho, a fé visa precisamente àquilo que não está presente à razão, isto é, ao que lhe é inatingível. Por conseguinte, todo conhecimento racional, deduzido dos primeiros princípios, foge ao domínio da fé, porquanto se trata de objetos presentes ao entendimento, e por isso mesmo insuscetíveis de fé.”

⁵⁹ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 2, 2, ad 1: “No entanto, nada impede que aquilo que, por si, é demonstrável e compreensível, seja recebido como objeto de fé por aquele que não consegue apreender a demonstração.”

⁶⁰ GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 657: “Ora, é melhor compreender do que crer, quando temos essa opção.”

não poderá ser persuadido senão pelas palavras das Escrituras, que são confirmadas pelos milagres.⁶² Não se deve, portanto, recorrer à demonstração filosófica para tentar demonstrar os dogmas; tente-se, apenas, propor ao adversário que a verdade da fé não pode ser contrária à razão natural.⁶³ Nem mesmo às razões verossímeis que, embora demonstrem nada, podem ser de alguma utilidade para a edificação dos fiéis, dever-se-á recorrer no caso da tentativa de converter os incrédulos. De fato, a estes poderia parecer que colocamos o fundamento da nossa fé em razões tão frágeis e isto mais os confirmaria em seus erros.⁶⁴ Por conseguinte, neste âmbito a filosofia é de pouca valia. Sem embargo, só cremos em verdades que ultrapassam a nossa razão se estas forem reveladas por Deus.⁶⁵

Na *Suma Contra os Gentios*, Tomás procede da seguinte forma: nos três primeiros livros ele versa sobre aquelas verdades sobre Deus que estão ao alcance da razão; no último, ou seja, no quarto, aborda aquelas verdades que somente mediante a revelação podemos conhecer.⁶⁶ Ora bem, esta *Suma* foi elaborada para o uso dos missionários cristãos que iriam evangelizar os povos árabes e que, por isso mesmo, teriam que travar conhecimentos com os filósofos árabes. Destarte, vemos claramente no método adotado nesta obra, a posição de Tomás no que concerne ao papel da razão: ela é o instrumento mais universal de qual podemos dispor, tendo em vista que a ela todos devem assentir.⁶⁷ Com efeito, quando discutimos com os judeus, podemos fazer uso do *Antigo Testamento*; no conflito com os heréticos, podemos valer-nos de toda a *Bíblia*. Contudo, com os gentios, que é o caso dos

⁶¹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra os Gentios*. I, IX, 2 (52): “Deve-se, proceder, na manifestação da primeira ordem de verdades (as acessíveis à razão), por razões demonstrativas, pelas quais o adversário possa ser convencido.” (O parêntese é nosso).

⁶² *Idem. Ibidem*. I, IX, 3 (53): “O único modo de se convencer o adversário da segunda ordem de verdades consiste no recurso à autoridade das Escrituras, confirmada pelos milagres.”

⁶³ *Idem. Ibidem*. I, IX, 2 (52): “Como, porém, tais razões, podem ser usadas para a segunda ordem de verdades, não se deve pretender que o adversário seja convencido por razões demonstrativas, mas que as suas razões contra a verdade sejam resolvidas, visto que a razão natural não pode ser contrária à fé.”

⁶⁴ *Idem. Ibidem*. I, IX, 3 (54): “Mas para que as verdades de fé sejam esclarecidas, devem ser apresentadas algumas razões verossímeis, que sirvam de auxílio e exercício dos fiéis, não para convencer os adversários. Realmente, a própria insuficiência dessas razões mais os confirmaria em seus erros, ao julgarem que nós assentimos à verdade da fé com razões tão fracas.”

⁶⁵ *Idem. Ibidem*. I, IX, 3 (53): “Ora, não cremos em verdades que excedem a capacidade da razão humana, a não ser que tenham sido reveladas por Deus”

⁶⁶ *Idem. Ibidem*. I, IX, 4 (55 e 56): “Pretendendo proceder nesta obra conforme o método a que nos propusemos, em primeiro lugar envidaremos esforços para o esclarecimento daquela verdade professada pela fé e investigada pela razão, apresentando argumentos demonstrativos e prováveis, alguns dos quais fomos buscar nos livros dos filósofos e dos santos, e pelos quais a verdade seja confirmada e o adversário seja confundido (I, I, II e III). Em segundo lugar, partindo das coisas mais claras para as menos claras, procederemos, na manifestação da verdade da fé que exceda a razão, desfazendo as razões dos adversários e declarando, mediante razões prováveis e de autoridade, a verdade da fé, na medida em que Deus nos auxilie (Tema do I. IV).”

⁶⁷ REALE, ANTISERI. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. p. 555: “É preciso partir das verdades ‘racionais’, porque é a razão que nos une. Escreve santo Tomás: ‘É necessário recorrer à razão, à qual todos devem assentir’”.

árabes, qual será o nosso método, já que a única coisa que temos em comum é a razão?⁶⁸ É por isso que, diferentemente do que faz em todas as suas demais obras, na *Suma Contra os Gentios*, preocupa-se em perquirir com minudência o que a razão pode admitir e o que a transcende acerca das coisas divinas.⁶⁹ Ademais, nesta obra fica patente que, em Tomás, existe uma filosofia e uma razão, mas que estas estão colocadas a serviço da fé, a saber, como *preambula fidei*.⁷⁰

10. A teologia enquanto ciência

Agora bem, se a razão não pode demonstrar o que é de fé, donde procede a racionalidade da fé? E o que, desta feita, justifica a teologia enquanto ciência? Toda ciência, diz Tomás, toma os seus princípios ou da própria razão ou de uma ciência superior.⁷¹ Ora, já vimos que a teologia não pode receber os seus princípios da razão, pois a fé, que é o seu fundamento, transcende a razão. Desta sorte, ela recebe os seus princípios de uma ciência superior. Ora, esta ciência superior é a ciência de Deus e a dos Bem-Aventurados.⁷² Portanto, assim como a música assume por verdadeiro o que ela recebe da aritmética, a teologia toma por verdadeiro tudo o que foi revelado por Deus.⁷³

⁶⁸ *Idem. Ibidem*: “Discutindo com os judeus, pode-se assumir como pressuposto o *Antigo Testamento*; discutindo com os heréticos, pode-se assumir toda a *Bíblia*. Mas que pressuposto pode tornar possível a discussão com os pagãos ou gentios senão aquilo que nos assemelha, isto é, a razão?”

⁶⁹ *Idem. Ibidem*: “Enquanto, em outras obras, ele expõe conjuntamente as verdades naturais e sobrenaturais, aqui os três primeiros livros são dedicados às verdades que ele considera acessíveis à razão (...) já as verdades conhecidas somente através da revelação as reúne no quarto livro.”

⁷⁰ *Idem. Ibidem*: “A resposta a essa interrogação sempre presente (se existe uma filosofia distinta da teologia em Tomás) é que em Tomás há uma razão e uma filosofia como *preambula fidei*.”

⁷¹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, 1, 2, C: “Mas existem dois tipos de ciência. Algumas procedem de princípios que são conhecidos à luz natural do intelecto (...) Outras procedem de princípios conhecidos à luz de uma ciência superior.”

⁷² *Idem. Ibidem*: “É desse modo que a doutrina sagrada é ciência; ela procede de princípios conhecidos à luz de uma ciência superior, a saber, da ciência de Deus e dos bem-aventurados.”

⁷³ *Idem. Ibidem*: “E como a música aceita os princípios que lhe são passados pelo aritmético, assim também a doutrina sagrada aceita os princípios revelados por Deus.”

11. Teologia e filosofia da arte

Já vimos que a filosofia pode ser útil para convencer os adversários sobre aquelas verdades que são acessíveis à razão. Observamos que aos féis ela também pode prestar um precioso auxílio, edificando-os na fé, enquanto lhes fornece razões verossímeis que mostram que não é leviano crer nas verdades que estão acima da razão. Ma a filosofia pode ainda prestar um outro valioso serviço à teologia. Como todas as coisas feitas com arte são representativas da arte de quem as fez, encontramos sempre nelas certas semelhanças com o seu artífice.⁷⁴ Ora, Deus, por sua sabedoria, deu o ser e a ordem a todas as coisas.⁷⁵ Logo, nelas encontram-se, como em um espelho, alguma representação e certa semelhança da sabedoria divina.⁷⁶ Donde, pelo conhecimento das obras de Deus, podemos chegar a conhecer algo da sabedoria criadora. Como quando admiramos uma obra de arte, acabamos vendo nela a virtude do seu autor, assim também, quando admiramos as obras que procedem da sabedoria divina, acabamos contemplando quão grande é o poder de quem as fez e isto nos faz reverenciá-lo.⁷⁷ De fato, a virtude do artista é maior do que a de sua arte, que apenas o representa.⁷⁸ Ora, se admiramos as criaturas, muito mais admiraremos a virtude do Deus que as criou, e isso gerará em nossos corações o temor e a reverência a Ele.⁷⁹

Se aquela bondade e perfeição que se encontram parcialmente distribuídas nas criaturas, já nos causam deslumbramento, que diremos se, por meio delas, considerarmos a Deus, causa e fonte de toda beleza, e onde todas estas múltiplas perfeições existem em grau máximo e de maneira una?⁸⁰ Com efeito, o reto conhecimento da bondade das criaturas pode inflamar-nos de amor por Deus e de admiração por sua beldade infinita.⁸¹

⁷⁴ *Idem. Suma Contra os Gentios. II, II, 1 (859):* “(...) as coisas realizadas pela arte são representativas da arte, porque são realizadas à sua semelhança.”

⁷⁵ *Idem. Ibidem:* “Ora, Deus, pela sua sabedoria, deu o ser às coisas (...)”.

⁷⁶ *Idem. Ibidem:* “Daí podermos, pela consideração das obras, recolher a sabedoria, que está como que espelhada nas criaturas por certa comunicação da sua semelhança.”

⁷⁷ *Idem. Ibidem. II, II, 2 (860):* “Em segundo lugar, essa consideração (das obras de Deus) faz-nos admirar a última virtude de Deus e, conseqüentemente, produz nos corações dos homens a reverência para com Deus.” (O parêntese é nosso).

⁷⁸ *Idem. Ibidem:* “Com efeito, convém que a capacidade do artista seja tida como superior às coisas que ele faz.”

⁷⁹ *Idem. Ibidem:* “Dessa admiração (das criaturas) provém o temor de Deus e a reverência” (O parêntese é nosso).

⁸⁰ *Idem. Ibidem. II, II, 3 (861):* “Com efeito, tudo aquilo que de bondade e de perfeição está distribuído parcialmente nas diversas criaturas, está em Deus unificado de modo pleno e universal, como na fonte de toda bondade (...)”.

⁸¹ *Idem. Ibidem:* “Em terceiro lugar, essa consideração inflama os ânimos humanos de amor para com a bondade divina.”

Na teologia propriamente dita, quando se parte de Deus para, a partir dEle, descer-se à consideração das criaturas, este conhecimento das criaturas torna-se semelhante ao próprio conhecimento de Deus que, conhecendo a Si próprio, conhece todas as coisas. Sem embargo, a fé nos dá a conhecer primeiramente Deus e, por meio dEle e sempre em relação a Ele, as criaturas. De forma que, é à luz da sabedoria divina que o homem conhece as criaturas de Deus, e isto lhe faz partícipe desta mesma sabedoria criadora e ordenadora.⁸² E como a arte imita a natureza (*ars imitatur naturam*)⁸³, que foi criada pela sabedoria divina, a teologia, que é certa participação (*participatio*) nesta mesma sabedoria, torna-se, de certa forma, o fundamento da arte e do belo.

Ademais, se à filosofia cuida conhecer as criaturas em si mesmas e isto já é o bastante para fazê-la extasiar-se com elas, qual não será o seu deslumbramento quando, por meio destas mesmas criaturas, elevar-se a Deus, autor de todas elas? Destarte, toda filosofia que parte das criaturas para ascender-se a Deus, é essencialmente uma filosofia da arte, isto é, uma filosofia que passa por uma percepção estética que nos leva a conhecer e a admirar o artista desta tela singular: o mundo. Conjugando, assim, sentimento estético e racionalidade, Tomás afasta-se tanto do racionalismo quanto do irracionalismo. Do racionalismo, porque caminha para Deus também por meio a percepção da estética que lhes despertam e suscitam as criaturas. Do irracionalismo, porquanto é pelo raciocínio que ele chega à conclusão da existência de um fundamento de toda beleza finita, qual seja, uma inteligência infinita, que é Deus. Assim, por meio da criação a própria *poiética* é elevada, porque o artista torna-se um imitador de Deus quando produz, visto que Deus é o artista por antonomásia e também o criador por excelência. Temos, então, que o ser, causa da admiração dos primeiros filósofos, une-se indissolavelmente ao seu transcendental, o belo.

⁸² *Idem. Ibidem.* II, II, 4 (862): “Foi demonstrado (1. I, cc. XLIX ss) que Deus, ao se conhecer, contempla em si mesmo todas as coisas. Como a fé cristã esclarece o homem principalmente a respeito de Deus e, pela luz da revelação divina, o faz conhecedor das criaturas, realiza-se no homem uma certa semelhança da sabedoria divina (...).”

⁸³ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v.. III, X, 5 (1943b): “a arte imita a natureza na sua operação (II Física 2, 194ª; Cmt 4, 170a) (...)”.

12. O filósofo também é um teólogo

Ora bem, uma filosofia com este caráter faz parte do arcabouço teológico: “Assim, pois, evidencia-se que a consideração das criaturas pertence ao esclarecimento da fé cristã”⁸⁴. Tomás de Aquino sempre viu no conhecimento de Deus o ápice do conhecimento humano.⁸⁵ De fato, na sua concepção, toda a filosofia encaminha-se para o conhecimento de Deus.⁸⁶ Ora, está noção Tomás herda-a dos próprios filósofos gregos, para os quais o fim último da filosofia encontra-se no mesmo conhecimento de Deus.⁸⁷ Daí que, tanto para um grego como Aristóteles quanto para um cristão como Tomás, a coroa da filosofia está na sua teologia natural.⁸⁸ Logo, o filósofo também é um teólogo.⁸⁹ Desta feita, o Aquinate não poderia ver nenhuma contrariedade no fato de se valer da filosofia para a construção do seu edifício teológico, uma vez que a própria filosofia, à sua maneira, é uma teologia. Destarte, também não haveria problema algum em se admitir que os monges se dedicassem ao estudo da filosofia e à consideração das criaturas, desde que estes estudos não tivessem outro fim senão o de aperfeiçoar a contemplação de Deus.⁹⁰

⁸⁴ *Idem. Ibidem.* II, II, 5 (863).

⁸⁵ *Idem. Ibidem.* I, IV, 3 (23): “(...) o grau supremo do conhecimento humano, que consiste no conhecimento de Deus.”

⁸⁶ *Idem. Ibidem:* “(...) o trabalho especulativo de toda a filosofia dirige-se para o conhecimento de Deus (...)”.

⁸⁷ GILSON, Etienne. **A Existência na Filosofia de S. Tomás: O Doutor da Verdade Cristã.** Disponível em <<<http://sumateologica.permanencia.org.br/Comentarios/doutor.htm>>>. Acesso em: 13/01/2006: “Os filósofos gregos — para considerar os únicos que S. Tomás de Aquino conheceu — eram de opinião, precisamente, que a suprema ambição de todo verdadeiro filósofo era conhecer a Deus.” Segundo Gilson a única coisa que pode justificar a adesão de Tomás de Aquino a Aristóteles foi o de ter visto na filosofia deste o mesmo objetivo que ele próprio buscara em sua obra, a saber, o de conhecer a Deus. *Idem. Ibidem:* “Detenho-me um momento, pois este é um ponto que parece escapar à atenção de muitos críticos de S. Tomás de Aquino, alguns deles católicos, que parecem surpreendidos por ver um cristão, teólogo e monge, manifestar interesse tão apaixonado pelos escritos de um pagão como Aristóteles. Mas, exatamente como monge cristão, S. Tomás de Aquino estava impressionado com o fato de, séculos atrás, ter já o pagão Aristóteles buscado o mesmo objetivo que ele próprio indicara como seu. Não hesitaríamos nisto se tivéssemos um pouco mais de imaginação. É bem possível que, para convencer alguns de nossos contemporâneos que S. Tomás de Aquino era verdadeiro filósofo, seria mais fácil apresentá-lo como interessado apenas em filosofia; *mas, do seu ponto de vista, o maior de todos os filósofos estivera interessado, principalmente, com o problema de Deus.*”

⁸⁸ GILSON. **A Filosofia na Idade Média.** p. 657: “A teologia natural não é toda a filosofia, é apenas uma parte desta, ou, melhor ainda, o seu coroaamento (...)”.

⁸⁹ *Idem.* **A Existência na Filosofia de S. Tomás: O Doutor da Verdade Cristã.** Disponível em <<<http://sumateologica.permanencia.org.br/Comentarios/doutor.htm>>>. Acesso em: 13/01/2006: “Por outras palavras, há completo acordo entre o ensino do doutor da verdade cristã e o do filósofo, na medida em que, no plano do conhecimento natural, também o filósofo é um teólogo.”

⁹⁰ *Idem. Ibidem.* “(...) Tomás de Aquino nunca se afastou desta posição. Sustentou sempre que eram lícitos aos monges os estudos científicos e filosóficos. Sustentou sempre explicitamente que, uma Ordem Religiosa instituída para dedicar-se ao estudo, podia legitimamente incluir ciência e Filosofia nos seus programas, atendendo apenas a que estes estudos se orientassem para a contemplação de Deus, como seu próprio fim. Foi perfeitamente claro neste ponto: ‘A própria contemplação dos efeitos divinos pertence, secundariamente, à vida

13. A obra do Aquinate é essencialmente teológica

Mas, enfim, a obra de Tomás é teológica ou filosófica? Neste ponto, tudo se esclarece quando entendemos o conceito de teologia que Tomás possuía.⁹¹ Ora, para ele, como para todos os teólogos, fazer teologia é olhar tudo à luz da revelação divina. Entretanto, seria um grande equívoco pensar que, em Tomás, fazer teologia resume-se tão-somente em se partir do dado revelado como de uma premissa, para daí tirar uma conclusão.⁹²

Com efeito, a sabedoria teológica implica num voo muito mais alto, diante do qual o nosso moderno de teologia se apresenta como mui limitado e pobre. Antes de qualquer coisa, tudo o que é revelado é objeto da teologia. Ora, sabemos que certas verdades essencialmente naturais foram reveladas quanto ao modo, para que assim todos tivessem acesso a elas. Além destas, há todo aquele patrimônio de verdades essencialmente reveladas: os *mistérios da fé* e as *verdades teológicas*. E isto ainda não é tudo. Ao teólogo cabe ainda esclarecer o que foi revelado por Deus. Desta feita, tudo o que nas ciências naturais ajudar a explicar a Revelação, inclusive para defendê-la, também pode ser considerado como um dado *revelado em potência*, que deve ser levado a ato pelo teólogo. Assim sendo, todos estes dados das ciências naturais podem cair *sob a razão formal de revelação*, e assim integrarem o aparato teológico no sentido de tornarem-se um auxílio eficaz para que o teólogo entenda melhor a Revelação. Por conseguinte, a sabedoria teológica tem a seu dispor todo um arcabouço de verdades naturais, das quais pode lançar mão quando julgar pertinente. Estas verdades, que não estão formalmente reveladas, Tomás as chama de *reveláveis*.⁹³

contemplativa, pois que o homem por ela se eleva ao conhecimento de Deus' (S. Teol., II^a II^{ae}, 9. 180, a 4, resp.)."

⁹¹ *Idem. Ibidem*: "Com isso chegamos ao limiar do nosso último problema, e, segundo creio, ao início da solução. Quando filosofa, nos trabalhos de Teologia, que faz S. Tomás? é teólogo, ou filósofo? De início devemos dizer que é impossível dar uma resposta aceitável por todos. Tudo depende da definição de Teologia tomada como ponto de partida."

⁹² *Idem. Ibidem*: "Temos hoje uma noção pobre da Teologia, muito diferente da gloriosa imagem familiar aos leitores de Dante, tão esquecida em nossas escolas. É verdade que o teólogo, como entende S. Tomás de Aquino, vê todas as coisas à luz da revelação divina, mas é grave erro imaginar que, no verdadeiro tomismo, ver uma verdade à luz da revelação divina consista necessariamente em partir de uma verdade revelada, como de uma premissa, para dela inferir alguma conclusão."

⁹³ *Idem. Ibidem*: "Seja portanto isto ponto pacífico: como a Teologia inclui tudo o que se pode conhecer à luz da revelação, inclui o que S. Tomás chamou: "a verdade sobre Deus alcançada pela razão natural", e que, no entanto, Deus "convenientemente propôs ao homem para crer" (C. G. I, 4, título). Isto não é tudo. Além daquilo que o homem não pode conhecer sem a revelação, e além daquilo que o homem conhece, de modo mais fácil e perfeito se lhe é revelado, há o imenso campo de tudo aquilo que, embora não atualmente revelado, pode ser

Ora bem, a partir destas premissas podemos concluir que tudo o que está na *Suma Contra os Gentios*⁹⁴ é teologia. Tudo o que está na *Suma Teológica*⁹⁵ é igualmente teologia.⁹⁶ Até mesmo os *Comentários a Aristóteles* pertencem à teologia.⁹⁷ Enfim, tudo o que ensinamos como filosofia tomasiana, para Tomás, era parte da sua teologia.⁹⁸ A partir de então, é inevitável a pergunta: existe, na obra de Tomás de Aquino, alguma filosofia? A resposta é que sim, há; porém, toda ela está voltada para um fim teológico: conhecer melhor a Deus.⁹⁹ Todavia, importa dizer que, conquanto a sua obra seja a de um teólogo, isto não implica que a filosofia contida nela tenha o seu valor racional comprometido: uma demonstração racional permanece sendo sempre e estritamente uma demonstração racional.¹⁰⁰ Contudo, isto também não nos dá o direito, sob pena de trairmos o seu pensamento, de chamá-lo de filósofo, ao menos naquele sentido estrito do termo.¹⁰¹ Com efeito, não se trata

usado pelos teólogos como meios para estabelecer, de modo racional, a verdade revelada, quando isto é possível, ou, ao menos, para defendê-la contra as objeções dos adversários. Na doutrina de São Tomás de Aquino, tudo o que pode servir ao principal objetivo do teólogo, que é fazer conhecer melhor o sentido da verdade revelada, é, pela mesma razão, Deus que a revelou sob a razão formal da revelação, e, portanto, pode incluir-se na Teologia. S. Tomás de Aquino não fixou limites à extensão possível do campo da especulação teológica. Chama *revelabilia*, "revelável" todo o material não especificado que, segundo o seu talento, gênio, ou aprendizado pessoal, o teólogo pode pôr a serviço da Teologia."

⁹⁴ A nota distintiva da teologia, já o sabemos, é partir de Deus às criaturas. Ora, a *Suma Contra os Gentios* obedece tal ordem. Pelo que, não resta dúvida, tratar-se de uma obra teológica: Etienne Gilson. **A Existência na Filosofia de S. Tomás: O Doutor da Verdade Cristã.** Disponível em <<<http://sumateologica.permanencia.org.br/Comentarios/doutor.htm>>> Acesso em: 13/ 01/ 2006: "Além disso, São Tomás diz (C.G. II, 4, 6) que, na *Contra Gentiles*, ele segue a ordem teológica que procede de Deus para a criatura, e não a ordem filosófica que procede da criatura para Deus."

⁹⁵ O mais elevado conhecimento que a filosofia nos proporciona é o conhecimento de Deus. Já a teologia começa por onde a filosofia termina. De fato, o que por primeiro Deus nos revela é que Ele existe. Ora, a *Suma Teológica* obedece a uma ordem essencialmente teológica. Depois de concluir, na *primeira questão*, que a teologia possui é uma ciência, Tomás logo parte para a questão da existência de Deus. Com efeito, se esta obra fosse uma obra filosófica deveria terminar e não começar por esta questão. Vide: GILSON. **A Filosofia na Idade Média.** p. 657: "As primeiras coisas que conhecemos não são outras que as coisas sensíveis, mas a primeira coisa que Deus nos revela é a sua existência; começar-se-á teologicamente, pois, por onde se chegaria filosoficamente depois de uma longa preparação."

⁹⁶ *Idem.* **A Existência na Filosofia de S. Tomás: O Doutor da Verdade Cristã.** Disponível em <<<http://sumateologica.permanencia.org.br/Comentarios/doutor.htm>>> Acesso em: 13/ 01/ 2006: "Tudo o que está na *Contra Gentiles*, inclusive a ordem de exposição, é Teologia. Tudo o que está na *Summa Theologiae* (e o próprio nome bastaria para o tornar claro), é Teologia."

⁹⁷ *Idem. Ibidem:* "Poder-se-ia extrair a mesma doutrina do texto dos comentários de São Tomás sobre Aristóteles? Pelo que sabemos, a maior parte certamente não. Então, é ela Filosofia? Teologia? Em resumo, que é? Do ponto de vista de S. Tomás, era Teologia." Como veremos mais adiante o propósito com que Tomás de Aquino comentou Aristóteles foi eminentemente teológico. Cobia-lhe, primeiramente, entender a doutrina do Estagirita para depois poder realizar aquela síntese harmoniosa de sua filosofia com a fé cristã.

⁹⁸ *Idem. Ibidem:* "Numa palavra, tudo o que ensinamos nas Escolas como Filosofia de São Tomás de Aquino, foi primeiro ensinado por ele nos tratados teológicos, como parte da verdade teológica."

⁹⁹ *Idem. Ibidem:* "A resposta mais simples para a debatida questão de saber se há uma filosofia nos trabalhos de S. Tomás de Aquino, é sim, há; ela, porém, se destina sempre a facilitar nosso conhecimento de Deus."

¹⁰⁰ *Idem. Ibidem:* "Para ele a integração da Filosofia na Teologia de nenhum modo diminui o valor racional da filosofia. Como quer que a chamemos, uma demonstração racional é uma demonstração racional."

de uma renúncia por parte da Filosofia de seus métodos próprios. A Filosofia não abdica, nem sacrifica em momento algum os seus procedimentos metodológicos. O que acontece é que, em Tomás, ela é posta a serviço de um fim mais alto, qual seja, o teológico.¹⁰²

14. O reto conhecimento referente às criaturas pode preservar a teologia de erros com respeito ao Criador

Ora, este recurso da Teologia à Filosofia, além de legítimo, é de todo necessário. De fato, a Filosofia, enquanto estuda as criaturas, poderá impedir que, às falácias a respeito delas, sigam-se outros erros a respeito de Deus na Teologia, posto que, ainda na Teologia, de certa forma, conhecemos a Deus *in speculo sensibilibum*.¹⁰³ Com efeito, é de suma importância que a Teologia, além de tratar daquilo que nas criaturas é semelhante a Deus, dedique-se ainda a eliminar os erros que existem em relação às próprias criaturas em si mesmas, para que estes erros não redundem em equívocos no que toca às coisas divinas. Portanto, também quando a Filosofia põe-se a eliminar os erros a respeito das criaturas, presta um relevante serviço à fé e pode encontrar-se integrada no edifício teológico.¹⁰⁴

¹⁰¹ NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. **Santo Tomás de Aquino: O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUSC, 1992.p. 80 e 81: “É certo que, ao apresentarmos Tomás de Aquino como filósofo, estamos apresentando-o de um certo modo contra a sua intenção, pois já deve ter ficado suficientemente claro que ele era teólogo, embora *teólogo-filosofante*. Isto significa que ele nunca pretendeu construir um sistema filosófico independente, mas que sua obra teológica inclui enorme material filosófico.” GILSON. **A Existência na Filosofia de S. Tomás: O Doutor da Verdade Cristã**. Disponível em <<<http://sumateologica.permanencia.org.br/Comentarios/doutor.htm>>> Acesso em: 13/01/2006: “Para um homem do século XIII, na Europa Ocidental, que era ‘ser filósofo’? Entre muitas outras coisas era ser um pagão. Filósofo era um daqueles que, nascidos antes de Cristo, não puderam informar-se a respeito da verdade da Revelação Cristã. Tal era o caso de Platão e Aristóteles. O Filósofo, por excelência, era um pagão. Outros, nascidos depois de Cristo, eram infiéis. Tal o caso de Alfarabi, Avicena, Gabirol e Averróis. (...) Se um teólogo julgasse conveniente recorrer à Filosofia nos seus trabalhos teológicos, como foi o caso de S. Tomás de Aquino, não era normalmente chamado ‘filósofo’, e, sim, *philosophans theologus* (teólogo filosofante), ou, simplesmente, *philosophans* (um filosofante).”

¹⁰² *Idem. Ibidem*: “A Filosofia, incluindo todas as ciências que esta palavra evocava na linguagem de Santo Tomás, pode, portanto, integrar-se na Teologia, sem abdicar de seus métodos próprios ou quebrar a unidade da sabedoria teológica. *A serviço da Teologia a Filosofia guarda as suas características, mas serve a um fim mais alto.*”

¹⁰³ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. II, III, 1 (864): “O conhecimento das criaturas é necessário não só para o esclarecimento da verdade, como também para eliminar os erros, porque os erros a respeito das criaturas desviam-nos muitas vezes da verdade da fé, enquanto se opõem ao nosso verdadeiro conhecimento de Deus.”

¹⁰⁴ *Idem. Ibidem*. II, III, 1 (871): “Depreende-se do exposto que a doutrina da fé cristã considera as criaturas enquanto há nelas alguma semelhança de Deus, e enquanto o erro a respeito delas conduz a um erro a respeito das coisas divinas.”

Neste sentido, a filosofia deve começar por corrigir o erro daqueles que, imaginando que nada existe além dos corpos, supõem que a causa primeira de todas as coisas seja também um corpo.¹⁰⁵ Não é difícil perceber que aqui o Aquinate deixa consignada a sua crítica aos filósofos naturalistas.¹⁰⁶ Daí a importância de a filosofia conseguir provar que Deus não é um corpo. Sem embargo, Tomás, em sua teologia natural, preocupa-se em provar minudentemente que Deus não é um corpo.¹⁰⁷ A filosofia também estará a serviço do conhecimento teológico quando expurgar o erro daqueles que, ignorando a natureza das criaturas, atribuem a elas o que é próprio de Deus.¹⁰⁸ De fato, só alguém que não conheça verdadeiramente o homem, pode concebê-lo com três pés.¹⁰⁹ São vítimas deste erro aqueles que consideram outras coisas, que não Deus, como responsáveis: já pela criação das coisas, já pelo conhecimento do futuro ou pelos milagres.¹¹⁰ Além disso, o reto conhecimento das criaturas poderá impedir que se diminua algo do poder divino.¹¹¹ Com efeito, existem aqueles que, conhecendo de modo equívoco a natureza das coisas criadas, admitem que todas elas se originam de dois princípios ou que procedem de Deus, não por vontade livre e sim por necessidade. Contam também entre estes, os que negam que a Providência divina se estenda a algumas coisas ou mesmo a todas elas. Donde haver aqueles que negam que esta mesma Providência possa agir no curso habitual do universo.¹¹²

Com efeito, ficam claras as reservas de Frei Tomás àquele aristotelismo exorbitante de Averróis. Este nega, em consequência do seu aristotelismo radicalizado¹¹³, entre outras coisas,

¹⁰⁵ *Idem. Ibidem.* II, III, 1 (865): “Primeiro, porque os que ignoram a natureza das criaturas às vezes se pervertem ao constituírem, como causa primeira e como Deus, aquilo que não pode vir senão de outrem e pensam que nenhuma coisa há além das criaturas que vêem, como pensavam os que consideram Deus um corpo qualquer (...)”.

¹⁰⁶ REALE, ANTISERI. **História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média.** p. 61: “No pensamento de Empédocles, física, mística e teologia formam uma unidade compacta. Para ele, são divinas as quatro ‘raízes’, ou seja, a água, o ar, a terra e o fogo; divinas são as forças da Amizade e da Discórdia; Deus é Esfero; as almas são demônios, almas que, como todo resto, são constituídas pelos elementos e forças cósmicas.”

¹⁰⁷ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios.** I, XX.

¹⁰⁸ *Idem. Suma Contra os Gentios.* II, III, 2 (866): “Segundo, porque atribuíram a algumas criaturas o que é próprio só de Deus, o que provém também de erros a respeito das criaturas.”

¹⁰⁹ *Idem. Ibidem:* “Ora, não se atribui a uma coisa o que a sua natureza não permite, a não ser que se desconheça essa natureza, como, por exemplo, se fosse atribuído ao homem ter três pés.”

¹¹⁰ *Idem. Ibidem:* “Caem neste erro os que atribuem a criação das coisas, ou o conhecimento do futuro, ou a realização dos milagres a outras coisas que não Deus.”

¹¹¹ *Idem. Ibidem.* II, III, 3 (867): “Terceiro, porque se tira algo da virtude divina que opera nas criaturas, quando se ignora a natureza da criatura.”

¹¹² *Idem. Ibidem:* “Tal se vê naqueles que constituem dois princípios das coisas, e nos que afirmam que elas procedem de Deus, não por ato da vontade divina, mas por necessidade da natureza; ou também naqueles que subtraem da divina providência algumas ou mesmo todas as coisas, ou que negam que ela possa agir no curso habitual do universo (...)”.

¹¹³ NASCIMENTO. *Op. Cit.* p. 50: “Averróis ficou conhecido na Idade Média como O Comentador. Este foi o papel que ele próprio achou que lhe cabia. Já que toda verdade que o ser humano pode conhecer por seu próprio esforço intelectual havia sido enunciada por Aristóteles, nada mais restava senão ‘comentar’, isto é, explicar as

a criação como ato livre de Deus.¹¹⁴ Ademais, a censura a Epicuro, que negava a Providência e a intervenção de Deus na vida dos homens, parece também manifesta.¹¹⁵ A refutação ao fatalismo estóico, também fica implícita.¹¹⁶ Portanto, o homem que não possui um conhecimento certo das criaturas, pode, ignorando qual seja o seu fim e que a ele é conduzido por Deus, sujeitar-se às criaturas inferiores; é o caso dos que submetem a sua vontade aos astros. Outros, ainda, pensam que os anjos são os criadores das almas ou que as almas são mortais. Ora, todos estes erros acarretam uma diminuição da dignidade do homem.¹¹⁷ Desta forma o Aquinate mostra quão nefandas são as consequências que procedem de um falso conhecimento das criaturas.

15. A necessidade da união entre fé e razão e filosofia e teologia

Por estes raciocínios, conclui-se quão errônea é a opinião daqueles que afirmam que o conhecimento das criaturas é indiferente ao da fé. Com efeito, não basta ter um conhecimento certo sobre Deus e ignorar o que sejam as suas criaturas.¹¹⁸ De fato, a fé que nos conduz a Deus pode ser assaz prejudicada, se o nosso conhecimento das criaturas for incorreto. Sem

obras de Aristóteles.”; *Idem. Op. Cit.* p. 45: “Averróis, sustentava teses realmente incompatíveis com a ortodoxia católica – daí ser chamada de ‘aristotelismo heterodoxo’.”

¹¹⁴ MONDIN. *Op. Cit.* p. 167: “Do mundo Averróis diz que é eterno e que, por isso não teve origem nem por criação, como querem os teólogos, nem por emanção, como ensinara Avicena.”

¹¹⁵ REALE, ANTISERI. **História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média.** p. 245: “É Epicuro e não Demócrito o filósofo que verdadeiramente ‘coloca o mundo ao caso’”. Acerca da ausência de intervenção dos deuses na vida dos homens, diz: REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga: Os Sistemas da Era Helenística.** 2ª ed. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1998. p. 197: “Ora, segundo Epicuro, é exatamente esse erro no qual incorre a representação vulgar dos Deuses: *acreditar que eles se ocupem e se preocupem com os homens e com os seus afazeres públicos e privados.*”

¹¹⁶ *Idem. Ibidem.* p. 316: “Mas essa Providência imanente dos estóicos, vista noutra perspectiva, *devia revelar-se como ‘destino’ (heimarnéne),* ou seja, *como necessidade inelutável.* Os estóicos entenderam esse *Destino* como a série irreversível das causas, a ordem natural e necessária de todas as coisas, o indissolúvel nó que liga todos os seres, o *lógos* segundo o qual todas as coisas passadas aconteceram, as presentes acontecem e as futuras acontecerão.”

¹¹⁷ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios.** II, III, 4 (868): “Quarto, o homem que pela fé é conduzido para Deus como seu fim último, ignorando a natureza das coisas e, conseqüentemente, o grau da sua ordem no universo, julga-se sujeito a certas criaturas, às quais é superior, como se verifica nos que submetem as vontades humanas aos astros (...); o mesmo se verifica nos que julgam serem os anjos os criadores das almas e que as almas humanas são mortais e nos que pensam coisas semelhantes que diminuem a dignidade do homem.” REALE. **História da Filosofia Antiga: Os Sistemas da Era Helenística.** p. 191: “Portanto, a alma, como todos os outros agregados, *não é eterna, mas mortal.* E essa é uma consequência necessária das premissas materialistas do sistema (epicurista).” (O parêntese é nosso).

¹¹⁸ *Idem. Ibidem.* II, III, 5 (869): “Vê-se, pois, como é falsa a afirmação de alguns, de que era indiferente para as verdades da fé o que se pensasse a respeito das criaturas, contanto que se pensasse retamente sobre Deus, como nos relata Agostinho (IV Sobre a Alma e sua Origem 4; PL 44, 527).”

embargo, o conhecimento falso da criatura acarreta um conhecimento falso sobre Deus¹¹⁹, porquanto o conhecimento que de Deus podemos ter nesta vida, será sempre, de algum modo, em analogia com os seres criados. Donde, o reto conhecimento de Deus, depender do correto conhecimento das criaturas para não se deformar. Aliás, a própria Escritura promete infligir severas penas àqueles que, por se deixarem levar por concepções equívocas a respeito das criaturas, não souberam formular uma ideia correta sobre Deus.¹²⁰ Por tudo isso, Tomás declara como um dos objetivos precípuos da sua obra, estabelecer e manifestar a concordância entre fé e razão, entre a verdade racional e a sobrenatural:

Além disso, ao investigarmos uma verdade, juntamente mostraremos os erros por ela excluídos e como a verdade racional concorda com a fé da religião cristã (et quomodo demonstrativa veritas, FIDEI CHRISTIANE RELIGIONIS concordet).¹²¹

¹¹⁹ *Idem. Ibidem*: “O erro acerca das criaturas redundando em falsa idéia de Deus e, ao submeter as mentes humanas a quaisquer outras coisas, afasta-as de Deus, para quem a fé as quer encaminhar.”

¹²⁰ *Idem. Ibidem*. II, III, 6 (870): “E, por isso, a Escritura ameaça com penalidades os que, como os infiéis, erram a respeito das criaturas, dizendo no salmo: *Por que não compreenderam as obras do Senhor, nem no que fizeram as suas mãos, destruiréis as mesmas e não as restabelecereis* (Sl, 27, 5); e: *Nessas coisas pensaram e erraram nem avaliaram a honra das almas santas* (Sb 2, 21-22)”.

¹²¹ *Idem. Ibidem*. I, II, 1, 4 (12). (O parêntese é nosso).

BIBLIOGRAFIA

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000.

GARDEIL, H. D. **Introdução à Filosofia de Santo Tomás de Aquino**. Disponível: <<http://www.microbookstudio.com/gardeilfilosofiatomasaquino.htm>>. Acesso em: 3/07/2005.

GEFFRÉ, Claude. **A Teologia como Ciência**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GILSON. **A Existência na Filosofia de S. Tomás: O Doutor da Verdade Cristã**. Disponível em <<<http://sumateologica.permanencia.org.br/Comentarios/doutor.htm>>> Acesso em: 13/01/2006.

_____. **A Filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MONDIN, Batista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente**. v. 1. 10ª. ed. Trad: Bênoni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1981.

NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. **Santo Tomás de Aquino: O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUSC, 1992.

NICOLAS, Marie-Joseph. **Vocabulário da Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001.

REALI, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 6ª ed. Rev. H. Dalbosco e L. Costa. São Paulo: Paulus, 1990.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga: Os Sistemas da Era Helenística**. 2ª ed. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1998.

TOMÁS DE AQUINO. **Boethii de Trinitate**. In: MONDIN, Batista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente**. v. 1. 10ª ed. Trad: Bênoni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1981.

_____. **Suma Contra os Gentios.** Trad. Odilão Moura e D. Ludgero Jaspers. Rev. Luis Alberto De Boni. Porto Alegre: Sulina, 1990.

_____. **Suma Contra os Gentios.** Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996.

_____. **Suma Teológica.** Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.